

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**IZADORA PINHEIRO MARIANO**

**AFETOS ATÍPICOS**

**SÃO CARLOS – SP**

**2020**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

IZADORA PINHEIRO MARIANO

AFETOS ATÍPICOS

Monografia apresentada no curso de  
Graduação em Psicologia, da Universidade  
Federal de São Carlos, sob orientação do  
Prof. Dr. Leonardo Câmara.

SÃO CARLOS

2020

Dedico este trabalho aos colegas que fiz na comunidade e pelo presente que me deram de, pela forma de estarem no mundo, me permitir descobrir uma realidade e um modo de se relacionar completamente revolucionário.

## Agradecimentos

Acredito que por nutrir uma vida de afetos e não saber ser outra pessoa que não uma que sente demais tenho o privilégio de colecionar pessoas especiais, as quais gostaria de agradecer, por terem feito parte do meu processo tanto da vivência que me levou a querer escrever sobre, quanto o processo de escrever em si, aqui vamos então:

Gostaria de iniciar agradecendo ao meu orientador Leonardo, que recém chegado ao departamento me recebeu, de ouvidos e coração abertos para tudo o que eu trazia dentro de mim. Ele acolheu a mim e a minha vivência, dando a nós liberdade de nos transformarmos em palavras, prosas e poesias que hoje preenchem esses papéis. Ao Léo guardo uma admiração imensa pelo profissional que é e me espelho nele para a futura psicóloga que serei, num mundo em que possamos juntos, construir uma classe que sente, se afeta e com isso acompanha a vida de outras pessoas.

Agradeço em seguida a minha família, que apoiou meu desejo de ir para longe e sozinha, mas mais importante que isso, ajudou a me segurar enquanto estava lá, mesmo a milhares de quilômetros, me servindo de chão. Obrigada mãe, pai, Ricardo, Sô e Theo. Obrigada aos que me acompanharam de outras maneiras também e obrigada a Ana Paula Cury também, por simplesmente ter me encontrado.

Seguido desse agradecimento vêm minhas amigas, que abaixo do chão para pisar, foram solo terroso, que me sustenta, com braços abraços, ouvidos, olhares e coração de escutar, sem vocês pouco haveria.

Aos que eu encontrei lá e me fizeram sentir de muito tenho um corpo cheio de saudades e carinho. Aos meus amigos idosos que dividiam a casa comigo e cuidaram de mim, as cuidadoras e cozinheira que me ensinaram da África do Sul dos mais diversos jeitos, as minhas amigas alemãs companheiras de passeios, de perrengues e de abraços. Ao padre e amigo que me acolheu e me deu palavras de presente. Ao meu chefe da horta, que me fez sentir com os pés e com o pensar o continente africano. É de um tamanho gigante lembrar de tudo o que com essas pessoas foi vivido.

E por fim, agradeço ao meu companheiro, que me ouve compartilhar disso tudo e alimenta cada inquietação minha, me permitindo ser e sentir e enchendo meu coração de amor e esperança, obrigada Gi.

*Moro numa casa de loucos.*

*Mas já não morava antes? Não sempre morei?*

*Sim, sempre morei com loucos, mas agora moro com um tipo diferente de louco. Os loucos daqui não dispõem de tantas máscaras quanto os loucos de lá. E fiquei sabendo que quanto menos máscaras se dispõe, mais longe se fica, mais distante e afastado dos que muitas máscaras têm. Isso ocorre, pois também, quanto menos máscaras se dispõe, mais honestidade se carrega o existir e o mundo dos homens comuns não está pronto pra tal coisa como o peso de ser honesto com o que se é.*

*Aqui cheguei com todas as minhas máscaras. Imagine só, uma mala de rodas, um mochilão e uma bolsa de máscaras. E é claro que o início foi choque, pois elas não eram necessárias, então, por dias as lágrimas foram lavando meu rosto e me vestindo de honestidade para que eu pudesse viver com essas pessoas.*

*Hoje completo meu primeiro mês de cara lavada e de vez em quando as lágrimas ainda escorrem, pois 21 anos trocando de uma máscara pra outra não é pouco! E ainda, vai entender o acaso que me colocou numa casa de idosos, ou seja, encontram-se mergulhados na honestidade há muito mais tempo.*

*Sigo assim, me despindo e me encharcando dia após dia, aprendendo o peso e a leveza que se carrega no mundo da honestidade.*

**Resumo:** Baseando-se em uma experiência de residir durante três meses em uma comunidade para pessoas com deficiência intelectual, o presente trabalho é composto por reflexões e questionamentos acerca da maneira como os indivíduos se colocam no mundo, mais especificamente no que se refere ao uso que fazem de máscaras para se ocultar e expor apenas o que desejam. Tal questionamento surgiu da percepção, tida pela autora a partir da convivência e relações construídas com as pessoas com desenvolvimento atípico da comunidade, de que estas detêm menos máscaras do que aqueles com desenvolvimento típico. Para explorar essa questão, utiliza-se o conceito de persona, conforme formulado pelo psiquiatra e psicanalista suíço Carl Gustav Jung. Como resultado da pesquisa, são apresentados questionamentos sobre a maneira como nos relacionamos na sociedade.

**Palavras-chave:** deficiência intelectual; máscara; persona; afeto; Jung.

## Sumário

<b><u>1. Introdução</u></b> .....	1
<b><u>2. Metodologia</u></b> .....	3
<b><u>3. O conceito de persona</u></b> .....	8
<u>3.1. Máscara</u> .....	8
<u>3.2. Persona</u> .....	10
<u>3.3. Mundo interno x mundo externo</u> .....	12
<u>3.4. Aspectos positivos e negativos</u> .....	13
<b><u>4. A experiência transformadora</u></b> .....	16
<u>4.1. Na casa</u> .....	16
<u>4.2. No trabalho</u> .....	19
<u>4.3. No mais</u> .....	22
<b><u>5. Reflexões e cruzamento de mundos</u></b> .....	24
<u>5.1. O mundo atípico</u> .....	24
<u>5.2. O mundo típico</u> .....	25
<u>5.3. Novo mundo</u> .....	26
<b><u>6. Considerações finais</u></b> .....	30
<b><u>Referências bibliográficas</u></b> .....	31



## 1. Introdução

Este trabalho é composto por afetos.

Nele, exploro a vivência que tive por três meses em uma comunidade para pessoas com deficiência intelectual localizada fora do Brasil. Eu, especificamente, morava em uma casa de cuidado – assim era como denominávamos as casas com residentes mais velhos que necessitavam de mais atenção no cuidar. Lá, trocava trabalho pela moradia, e compartilhava meus dias com os residentes, que possuíam um desenvolvimento diferente do meu.

Para além dos aspectos práticos, a experiência que vivi proporcionou questionamentos, reflexões e transformações internas, causados pelos afetos gerados e movimentados pela vida compartilhada com meus colegas com desenvolvimento atípico.

Disso, junto com uma leitura que realizei, na qual o pediatra Karl König (1902-1966) abordava o aspecto das máscaras que usamos para viver, afirmando que as pessoas com deficiência intelectual pareciam deter menos máscaras, surgiu em mim uma grande inquietação, uma vez que me percebia agindo e sentindo de maneiras diferentes quando comparadas à forma que vivia antes de ir para a comunidade.

Assim, ao voltar da viagem, transformada, decidi explorar mais o que havia se dado dentro de mim naqueles meses, e explorar mais a fundo a questão das máscaras que usamos para viver em sociedade, tendo como base o conceito de persona, conforme desenvolvido pelo psiquiatra e psicanalista Carl Gustav Jung (1875-1961).

Este trabalho está subdividido em seis partes, contando com esta Introdução. No capítulo sobre metodologia, exponho os marcos teóricos que fundamentaram o desenvolvimento da pesquisa: o paradigma da pesquisa qualitativa, o modelo de observação participante, e o processo de ser afetada como forma de registrar fenômenos vividos em campo. Na sequência, o terceiro capítulo trata do referencial teórico mobilizado para esta pesquisa: o conceito de persona, o qual é analisado a partir de dois eixos: a relação entre mundo interno e externo e seus aspectos positivos e negativos. O quarto trará o relato da experiência que vivi sobre três focos diferentes: na casa, no trabalho e no mais. E caminhando para a finalização o quinto capítulo contará com reflexões finais acerca do cruzamento de dois mundos que foram para mim colocados em relação, contando com

a junção dos pensamentos de tudo que foi anteriormente apresentado e encerrando posteriormente com as considerações finais.

Enfim, busco, por meio deste trabalho, demonstrar os afetos que me mobilizaram tanto durante a minha vivência na comunidade quanto na volta dela, e discutir, com base neles, como a maneira que vivem as pessoas com desenvolvimento atípico pode ensinar as com desenvolvimento típico outras formas de estar no mundo, especialmente no que diz respeito ao uso de máscaras e à relação com o outro.

## 2. Metodologia

Neste capítulo, irei tratar da metodologia usada na presente pesquisa a partir de alguns tópicos, nos quais esmiuçarei um pouco a pesquisa qualitativa e a observação participante. Além disso, abordarei a dimensão do ser afetada, tendo como base as reflexões da autora e antropóloga Jeanne Favret-Saada.

A fim de situar melhor o leitor, gostaria de explicar brevemente como se deu o trabalho de campo, no qual me inseri. Propus-me a viver uma experiência em uma comunidade para pessoas com deficiência intelectual na África do Sul, morando com elas e trabalhando em troca disso. Foi a partir dessa vivência que, após três meses, ao retornar, decidi, com base nos afetos mobilizados, escrever sobre a experiência. Neste capítulo especifico a base usada para delinear a pesquisa.

Com o anterior posto, este trabalho seguirá a metodologia de pesquisa qualitativa, a qual lida com questões abstratas e mais subjetivas, se diferenciando da pesquisa quantitativa, por exemplo, pelo fato de não se basear em dados numéricos, buscando precisão nos resultados (CRESWELL, 2007).

Partindo disso e do olhar detalhado para a complexidade do indivíduo, já emendo em outra característica fundamental que é, segundo John W. Creswell, em seu livro *Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa*, o uso de práticas que permitam visualizar o mundo e transformá-lo em uma gama de diferentes significados (CRESWELL, 2007).

Além dessa, outra característica importante trazida no livro é que o pesquisador qualitativo busca estudar algo de seu contexto com o objetivo de interpretar um fenômeno sob o ponto de vista das pessoas. A experiência que deu origem a minha pesquisa (nessa ordem mesmo) me fez ver um mundo que antes não enxergava, a partir da visão das pessoas com deficiência intelectual com as quais eu convivi durante os três meses. Tentei transmitir essa visão e o impacto por ela provocado em meu caderno, que viria a ser um diário de campo, em que escrevia ou desenhava, quando bem entendesse, reflexões cotidianas, questões e angústias, servindo para mim como um local para materializar o que ocorria internamente.

Outros aspectos da pesquisa qualitativa elencados por Creswell (2007) são a coleta de dados em um contexto natural e sensível às pessoas e aos lugares, trabalhando assim com variáveis

não facilmente medidas. Além disso, faz parte desse paradigma de pesquisa a consideração dos significados que os participantes trazem ao problema de pesquisa, desenvolvendo assim um quadro complexo que envolve a profundidade das interações estabelecidas. No que diz respeito ao projeto, a pesquisa qualitativa considera ainda que um plano inicial não deve ser rigidamente prescrito, pois tudo pode mudar ao longo da pesquisa: com efeito, à medida que o pesquisador passa tempo em conjunto com os participantes, se posicionando e se colocando no decorrer de todo o processo – e, assim, proporcionando também uma minimização das relações de poder –, questões inicialmente formuladas podem perder o sentido, sendo necessário produzir outros problemas de pesquisa.

Por fim, a pesquisa qualitativa proporciona também, segundo o autor, uma escrita mais flexível e literária, característica com a qual eu me identifiquei muito, pois não via como me expressar de maneira muito rígida e pouco pessoal, tendo em vista a experiência que eu vivi e tudo o que senti. Acredito que quanto mais literária a escrita, mais ela proporciona o escoamento de certos sentimentos e impressões que, às vezes, a escrita formal não permite (CRESWELL, 2007).

Vou descrever a partir de agora o método específico, o qual faz parte do paradigma da pesquisa qualitativa, que usei no trabalho de campo: a chamada “observação participante modificada”. Apresentarei como se conceitua tal método, para depois explicar como o modifiquei na presente monografia.

Em primeiro lugar, é importante comentar que não busco com a pesquisa afirmar ou negar algo a partir de um conceito, mas sim propor uma reflexão acerca de uma experiência utilizando para isso um conceito do psicanalista Carl Gustav Jung. A proposta é poder, a partir do que foi aqui compilado e dos problemas que serão apresentados, pensar a nossa relação com o outro na sociedade típica em que vivemos, tendo como pontos de referência o que pude aprender ao me relacionar com sujeitos de desenvolvimento atípico e o conceito supracitado.

Como parte da pesquisa qualitativa, a observação participante caracteriza-se pelo contato direto do pesquisador com o objeto observado, de modo que se obtenha informações acerca da realidade na qual se insere, de seus atores e contextos. Uma relação é estabelecida com os sujeitos e, assim, o pesquisador pode modificar e ser modificado pelo entorno. Esse método permite que se capte maior variedade de situações e fenômenos (NETO, 2001).

A participação do pesquisador pode ser plena ou distanciada (NETO, 2001). No caso deste trabalho, a participação foi plena, na qual ocorre um envolvimento completo em todas as dimensões da vida do grupo. Portanto, a observação participante conta com a inserção do pesquisador na realidade a qual se propõe investigar, convivendo no dia-a-dia daquele grupo, imerso em suas vivências e processos.

Nesse ponto há um adendo que é preciso enfatizar: a minha proposta apresenta uma diferença da observação participante – daí seu caráter “modificado” –, tendo em vista que, ao me inserir na comunidade, não tinha a prévia intenção de escrever sobre aspectos dela. Isso se deu posteriormente, em um momento e em um local no qual já não me encontrava mais dentro da comunidade. Nesse sentido, o material com que desenvolvi a presente investigação foi composto, majoritariamente, das lembranças, dos afetos e das repercussões que trouxe comigo daquela experiência – já tão distante mas, ao mesmo tempo, tão próximo.

Foi assim que me coloquei no ambiente onde passei pela experiência a qual veio a ser objeto desta pesquisa. Desse modo, a pesquisa surgiu depois da incursão ao campo, uma vez que, antes dela, não tinha a intenção de fazê-la, pois não sabia de que modo aquilo iria me afetar e transformar, me motivando, mais tarde, a escrever o presente trabalho.

No que diz respeito a esse último ponto, gostaria de abordar ideias que traz Jeanne Favret-Saada, em seu texto “Ser afetada” (2005), por acreditar que tem a capacidade de explicar o processo descrito. Nascida em 1934 na Tunísia, a etnóloga relata como, ao realizar uma pesquisa antropológica sobre feitiçaria no Bocage francês, foi convocada pelos camponeses a realmente adentrar naquele universo. A partir dessa experiência, conta que tentou fazer da participação um objeto do conhecimento, que naquela época, mesmo sob uma metodologia de “observação participante”, a participação não se dava de fato, sendo realizada predominantemente a observação.

Saada (2005) transforma assim a pesquisa antropológica, afirmando também que esse gênero de conhecimento permite uma comunicação com o nativo que é involuntária, sem intencionalidade e não necessariamente verbal – e nisso tudo se instaura o estar afetada. Em outras palavras, Saada aposta, em seu artigo, no afetar-se pelas experiências da pesquisa, no permitir-se ser afetado, tocado, transformado.

É nessa ordem da palavra “afeto” que me localizo e que localizo a minha pesquisa. Ela formou-se seguindo essa direção e com pouco controle, uma vez que o afeto move coisas desconhecidas dentro de nós, me incentivando posteriormente a colocar parte das reflexões geradas por esse processo no papel que o leitor tem em mãos no momento.

Ainda na ordem do afeto, cabe dizer que, no ano de 2018, comecei a me envolver com a Antroposofia, tocada por pontos específicos em relação ao olhar que ela propõe ao mundo. Parte desse interesse me direcionou à comunidade fruto da experiência dessa pesquisa, que tinha algumas vivências baseadas nessa ciência espiritual. A Antroposofia surge no início do século XX, fundada por Rudolf Steiner, e propõe respostas sensíveis, usando a razão, mas não negando anseios espirituais, a perguntas sobre a essência do ser humano e do universo.

Complementando tudo trazido acima, gostaria de reforçar a explicação de como se deu a modificação da minha pesquisa no que tange ao método. Primeiro, no fato de que a incursão ao campo foi realizada em um momento anterior à preparação do que seria investigado; ou seja, o objeto de pesquisa nasceu da minha própria vivência. Ineri-me na realidade proposta e, após tudo o que foi lá vivido, observo, na volta, e de fora, aquilo que mais me tocou e que eu gostaria de explorar melhor. Em outros termos, como já dito anteriormente, este trabalho surge quando do retorno da comunidade, comigo distanciada fisicamente da experiência, mas colhendo os frutos dela e entendendo quais questões desejo explorar.

Em segundo lugar, até como consequência do ponto anteriormente apresentado, não houve uma coleta de dados qualitativos, por meio de entrevistas ou quaisquer outros instrumentos. Contudo, é importante pontuar que partirei de minhas vivências e percepções subjetivas, conforme o que me ocorreu, durante o tempo em que estive em campo, para observar a questão e analisá-la com base nos conceitos por mim propostos, me utilizando, assim, do afeto que tive com essa vivência e do diário de campo que acompanhou meus devaneios.

Enfim, trago aqui o objetivo desta monografia, que é interpretar, com base no conceito de persona de C.G. Jung (1921/2011; 1928/2008; 1939/2002; 1986/2016) a percepção que tive sobre como as pessoas com desenvolvimento atípico, com quem eu convivía, detinham menos máscaras, se colocando no mundo de modo diferente quando comparadas às pessoas com desenvolvimento típico, chegando assim a questionamentos, problematizações e hipóteses sobre o tema, sem ter a

pretensão de determinar uma resposta específica. Além disso, espero também que o leitor possa se questionar sobre a realidade em que vive e de que maneira se põe no mundo, podendo vislumbrar novas possibilidades com o modo de ser atípico.

Dito isso, espero que o leitor possa embarcar nessa leitura movido também pela ordem do afeto, que tem como privilégio movimentar estruturas, grandes ou pequenas, em quem se propõe a vivê-lo.

### 3. O conceito de persona

Neste capítulo, apresentarei a base teórica da pesquisa, seguindo alguns tópicos. Nele serão trabalhados os conceitos de máscara e persona, tendo como base o psiquiatra Carl Gustav Jung (1875-1961), dissidente da psicanálise freudiana e criador da Psicologia Analítica. Posteriormente apresentarei uma reflexão acerca do mundo interno em comparação ao mundo externo e, para isso, abordarei alguns autores distintos. Todos os temas, em conjunto, ajudam a formar um todo para que se possa seguir ao capítulo seguinte, no qual irei esmiuçar algumas experiências vividas por mim na comunidade.

#### 3.1. Máscara

O conceito de persona, tal como formulado por C. G. Jung, caminha em diversos sentidos, mas sempre na mesma direção, sendo uma ideia que nos permite relacionar ego, inconsciente e mundo.

Mas, antes disso, importante verificarmos a etimologia da palavra “persona”. Traduzida do latim, ela quer dizer máscara, remetendo ao objeto usado por um dramaturgo para cobrir seu rosto e representar seu papel. A palavra “mask” surge na língua inglesa, segundo o dicionário de Oxford, no século XVI, da palavra *masque* em francês, que por sua vez significa “cobrir para esconder ou guardar o rosto” (MASK, 2020).

O verbo “mascarar” remete a ocultar, disfarçar ou enganar, seja a face, a pessoa ou mesmo emoções e intenções.

Dito isso, é relevante estudarmos o uso das máscaras ao longo da História. Como relembra Marcus Villa Góis em seu artigo “A Máscara na Commedia Dell’Arte”, servindo de filtro ou disfarce em tribos primitivas, as máscaras mediavam o contato com os deuses, que somente poderiam ser evocados com recursos que realizassem uma mediação. Nisso, coloca-se o papel da máscara de cultuar e festejar os deuses, numa mistura de festa e rito (GÓIS, 2012).

No “Manual da Máscara: Um Guia Prático”, Toby Wilsher (2006) defende que a máscara é um objeto transformador, agindo na ordem do sagrado e do secular. No primeiro caso, em certas sociedades, crê-se que a transformação operada é pelo aspecto mágico, e tal afeto imbui tanto o



usuário quanto a própria máscara, entrando assim em estado de transe. A máscara serve, assim, como um limiar entre o mundo conhecido e o desconhecido.

Variando de usos e significados para diferentes culturas, as máscaras podem representar espíritos dos elementos, em rituais, a fim de atrair sol ou chuva para as colheitas (tribos indígenas norte-americanas). Também podem ser usadas em cerimônias (para danças ou encenações), marcando momentos importantes da vida das pessoas da tribo (sociedades africanas), ou mesmo para a contação de histórias dos Deuses ou afastamento de maus espíritos em processos curativos (Ásia) (WILSHER,2006).

Já no caso da sociedade secular, a ordem mágica não é tangível, mas ainda assim existe, por exemplo, através da imaginação da audiência. Nesse caso o uso da máscara tem como uma das principais funções o entretenimento (WILSHER, 2006).

No palco, Toby Wilsher traz o argumento de que a máscara restringe o ator, impedindo que uma não verdade nos sentimentos seja expressa por ele e, desse modo, expresse uma verdade emocional desejada pela plateia. O autor sugere que, no teatro grego, as máscaras podem ter sido usadas como um impedimento ao exagero na atuação, forçando a audiência a imaginar ou sentir uma emoção, ao invés de assistir a uma histórica representação da emoção. Sendo assim, a máscara expõe a verdade. Além disso, um importante aspecto das máscaras é que elas permitiam que o mesmo ator encenasse diversos personagens em uma mesma peça (WILSHER, 2006).

Em seu artigo “A máscara, seu sentido e seu uso no treinamento do ator”, Sandra Dani (1990) descreve um exercício de Jacques Copeau, dramaturgo francês: colocar a máscara no rosto dava-se conforme um movimento ritualístico, recebimento de nova e desconhecida vida, da qual o ator devia estar preparado e disponível à influência da máscara, e livre de qualquer preconceito ou imposição ao objeto:

O ator a segurava com a mão esquerda, a olhava durante algum tempo, e a seguir a colocava no rosto, enquanto a mão direita ajustava o elástico corretamente. Esta ação deveria ser realizada num único movimento, acompanhada de uma respiração regular que auxiliava no relaxamento e na concentração do ator (DANI, 1990, p. 86).

Segundo a autora, essa máscara neutra de Copeau tem a função de tanto esconder o rosto do ator quanto de expor aquilo que ele é. O ator deve assim ser capaz de moldá-la, buscando uma ação universal, comum a todos os seres humanos (DANI, 1990).

Enfim, cabe acrescentar que, nos dias de hoje, podemos observar o uso das máscaras em diversas situações, seja no teatro, em rituais ou até como motivo de decoração ou proteção do rosto, como é o caso do uso das máscaras na saúde, que tomaram ampla visibilidade na atualidade.

### **3.2. Persona**

Terminada a exposição sobre a máscara, vamos partir para o estudo de outro conceito. Para explicar a persona, é essencial que antes nos voltemos a como Jung define o inconsciente e seus processos. Para o autor, o inconsciente abrange, além dos conteúdos recalcados, todo o material psíquico que não foi captado pela consciência do indivíduo em momento algum. Além disso, o inconsciente tem caráter ativo, sempre agindo de acordo com a consciência e reorganizando seus conteúdos (JUNG, 1928/2008).

Um ponto no qual Jung se diferencia da psicanálise, tornando sua perspectiva teórica singular, é a concepção de dois tipos diferentes de inconsciente: o pessoal e o coletivo. O primeiro caracteriza-se pela presença de conteúdos específicos, expressos a partir de aquisições do decorrer da vida da pessoa. Já o segundo é definido por ser impessoal, no qual vivem imagens herdadas e acumuladas desde a aurora da Humanidade, os chamados arquétipos. O inconsciente coletivo viaja pelo tempo e agrega diversas realidades (JUNG, 1939/2002).

Entendido o inconsciente, devemos partir para uma breve explicação de sua relação com o ego. O ego é um elemento protetor que dirige nossa existência, de modo a ordenar nossas experiências. Ele emerge do inconsciente, sendo predominantemente consciente; participa da divisão entre ambos os estados da mente; e trabalha reunindo memórias e vivências, buscando informações para se solidificar. Assim, participa na construção da individualidade e construção da identidade (FADIMAN & FRAGER, 1979).

Jung, em seu livro “Tipos Psicológicos”, define o conceito de persona, contrastando-o com o de alma. Em primeiro lugar, cabe dizer que a psique é o todo dos processos conscientes e inconscientes. A alma se relacionaria a uma personalidade interna, que sofre influência do inconsciente, enquanto a persona seria a personalidade externa, influenciada pelo ambiente (JUNG, 1921/2011).

Desse modo, a persona se apresenta como uma qualidade adaptativa. Sua construção se dá em consonância ao que o mundo precisa e valoriza, enquanto a alma se relaciona às necessidades do mundo interno. Com base nisso, conseguimos ver dois tipos diferentes de pessoas, um no qual a pessoa se adapta muito bem ao ambiente externo e outra em que isso não acontece de maneira tão simples. Quando o sujeito se identifica por demais com sua persona, acaba por vestir uma máscara e acreditar que todo seu ser se restringe a essa máscara, tendo dificuldade então de compreender sua individualidade, por estar sempre em resposta ao mundo (JUNG, 1921/2011).

Em algumas situações, é requerido da pessoa que ela se comporte de modos diferentes em ambientes muito distintos. Dependendo do quanto ela se identifique com o que for pedido dela na ocasião específica, pode-se desenhar uma alienação da pessoa daquilo que ela é, podendo afastá-la assim de sua identidade (JUNG, 1921/2011).

Em outras duas ocasiões, Jung define a persona da seguinte maneira: ela é descrita, em “O Eu e o Inconsciente” (1928/2008), como uma máscara da psique coletiva, que aparenta uma individualidade e trabalha no convencimento dos outros e de si sobre quem se é; porém, ela é mais um papel no qual fala a psique coletiva. A persona é um compromisso entre indivíduo e sociedade, acerca daquilo que se parece ser. Mesmo o ego se identificando excessivamente com a persona, ainda nela resta algo de individual, uma vez que o si-mesmo<sup>1</sup> (*self*) inconsciente não se extingue e busca se manifestar, mesmo que de forma camuflada, na persona.

Já em sua obra “Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo” (1939/2002), persona aparece como um sistema de adaptação ou estilo da nossa relação com o mundo, reafirmando o exposto mais acima. Ela é aquilo que não se é realmente, mas que os outros e nós próprios achamos ser.

Adiante, trarei uma reflexão importante na minha vivência na comunidade, relacionando e distinguindo mundo interno e mundo externo, a partir de alguns autores e pensamentos.

---

<sup>1</sup> Tratarei do si-mesmo no próximo item.

### 3.3. Mundo interno x mundo externo

Para adentrar neste tópico, assim como no seguinte, necessito que a discussão dos itens anteriores esteja sempre na mente do leitor, uma vez que a ideia das máscaras e do conceito de persona são aspectos centrais e essenciais deste trabalho.

Pensando nisso, gostaria de me centrar agora na persona como intermédio entre o mundo interno e o mundo externo. Lembrando que, como apresentado anteriormente, o conceito se refere a uma adaptação da pessoa ao mundo, na construção de um caráter que responda às exigências dele.

No artigo de Brigitte Allain-Dupré intitulado “*De l’autre côté du miroir, la face cachée du complexe*” (2004), a autora relaciona a persona à constituição da identidade do sujeito, que garante uma sensação de continuidade narcísica em sua relação com o mundo e com o outro. Nessa perspectiva, ela retoma a aceção de Jung da persona enquanto intermédio para o ego na transição entre mundo interno e externo do indivíduo.

O que isso quer dizer? A persona é tida como um elemento essencial que participa do processo de construção de quem o sujeito é e garante que ele exista e seja o mesmo ao longo do tempo, o que possibilita que não se sinta fragmentado, mas como um todo unificado. É isso que a expressão “continuidade narcísica” quer dizer.

Desse modo, se a persona, segundo Jung, é a interface psíquica que funciona para o ego como um intermediário entre os mundos interno e externo, ela dirige o processo de formação do ego, uma vez que este é um elemento protetor e ordenador das experiências (JUNG, 1939/2002).

Tendo em vista as ideias explicitadas, gosto de pensar na persona como um eu que se apresenta à sociedade, ou como uma roupa para vestir quando não se está só. Ou, ainda, uma adaptação ao ambiente externo, ou um compromisso que se firma entre indivíduo e sociedade (DUPRÉ, 2004).

No que se refere à função intermediadora entre os mundos interno e externo, ou entre o indivíduo e a sociedade, Laura Villares de Freitas, em seu artigo “Grupos vivenciais sob uma perspectiva junguiana”, propõe considerar a persona como:

estrutura de personalidade, cuja função principal seja, a partir de sua expressividade, pôr-nos em relacionamento, propiciar-nos o encontro de uma maneira de ser e estar com os outros, sem precisarmos, para isso, abandonar nossa individualidade ou os símbolos operantes a cada momento (FREITAS, 2005, p. 47).

Além disso, afirma o caráter sempre múltiplo da persona, já que necessitamos de várias máscaras para viver. Desse modo, a persona colabora para a apreensão e a multiplicidade do *self*. Para Jung, *self*, ou si mesmo, é um dos principais arquétipos de sua teoria, que representa um todo, com a junção das camadas consciente e inconsciente da psique (JUNG, 1986/2016).

Percebe-se, portanto, na visão das duas autoras apresentadas, junto com as perspectivas traçadas por Jung, que a persona é um aparato também adaptativo para a vida em sociedade, já que nos ajuda a construir nosso eu para que possamos estar, não apenas com nós mesmos, mas com o mundo a nossa volta, configurando assim o caráter trazido pelo título deste tópico: *mundo interno x mundo externo*. A persona ajuda a nos construir para que assim possamos ser para o mundo.

Porém, ainda no que diz respeito a isso, gostaria de apontar mais um aspecto da dinâmica entre mundo interno e mundo externo, na qual a persona participa: Laura Freitas (2005) propõe também que, na esfera social, as culturas possuem personas que podem colaborar mais para manter sua própria coesão, no lugar de promover a individuação dos membros que as adotam (ou por elas adotados). Nesse sentido, trata-se de um aspecto rígido, no qual a persona impede certas vivências e o desdobramento do si mesmo, visando proteger, antes de tudo, as relações sociais.

Ou seja, às vezes, a persona, pode acabar, influenciada pela cultura, a ficar rígida, enrijecendo mais o caráter do indivíduo e limitando e anulando a possibilidade de se viver certas experiências. A persona está, neste caso, servindo mais ao mundo externo do que ao interno.

Com essa reflexão anterior, gostaria de emendar numa análise mais aprofundada dos pontos positivos e negativos envolvendo os conceitos anteriormente apresentados.

### **3.4. Aspectos positivos e negativos**

Adentrando neste tópico e tendo em mente a discussão até aqui trazida, proponho, nela, olhar para os possíveis aspectos positivos e negativos da persona e das máscaras.

Para isso, iniciemos pensando no que a máscara cobre: o rosto. No artigo “Antropologia da face: alguns fragmentos” (2017), o antropólogo francês David Le Breton retoma a importância de nossa face, como lugar de reconhecimento mútuo, no qual somos também chamados, julgados, atribuídos a um sexo, idade ou cor de pele, amados, desprezados, tornados anônimos ou lançados à indiferença da multidão. Para ele, conhecer o outro é permitir que ele veja e compreenda sentidos e valores do rosto que olha, ao mesmo tempo que vê espelhado em seu próprio rosto um local onde também imantam significados e interesses. E o autor retoma a interação com a sociedade, na afirmação: “Nenhum espaço do corpo é mais apropriado para marcar a singularidade do indivíduo e fazê-lo também socialmente” (BRETON, 2017, p. 154).

Junto do acima exposto, gostaria de lembrar uma definição de Jung para a persona, que seria não necessariamente o que somos, mas o que nós acreditamos e os outros acreditam que sejamos; em outros termos, um sistema de adaptação e, ao mesmo tempo, uma maneira de nos comunicarmos com o mundo (JUNG, 1939/2002).

Se pensarmos assim, tendo em vista os dois autores abordados, a persona veste nosso rosto, que seria esse local primeiro de reconhecimento mútuo. Então, vendo o outro e, conseqüentemente, vendo nós mesmos, a persona participa ativamente.

De um lado, isso é extremamente positivo. Detemos em nós uma organização que nos permite construir e ser para nós próprios e para os outros. Assim, a persona faz parte importante do nosso processo de assumir uma identidade perante o outro.

Porém, quero também trazer a mesma ideia sob outra perspectiva, a negativa. Repito o que disse há pouco: detemos em nós uma organização que nos permite construir e ser para nós próprios e para fora. A persona, assim, é um aspecto importante do nosso processo de formação de caráter e permite que sejamos externamente. Entretanto, mesmo que ela permita isso, Jung afirma que a persona não é o que verdadeiramente somos, mas o que os outros e nós mesmos pensamos que somos (JUNG, 1939/2002).

E qual o problema disso? Acredito que o problema seja precisarmos iludir os outros do que somos – e nos iludir também. Segundo a minha leitura de Jung, a ilusão então é necessária para que possamos ser, e esse é para mim o aspecto negativo da persona. Por que não podemos nos apegar ao fato de que a persona não é verdadeiramente o que somos?

Trago então, a seguir, novamente a afirmação de Le Breton, junto com sua complementação:

É impossível concebermos um mundo sem face sem percebê-lo como um universo de caos. Para fundamentar o lugar social é preciso singularidade de características para que cada um possa ser reconhecido e reconhecer as características de seu grupo. *Um mundo sem rosto, dissolvido na multiplicidade de máscaras, seria um mundo sem culpados, mas também sem indivíduos* (BRETON, 2017, p. 155, grifos meus).

Caminho ao lado do autor: pensando que temos nossas faces cobertas por máscaras, acredito que estamos, sim, em um universo de caos, dissolvido na multiplicidade de máscaras – um mundo sem culpados e também sem indivíduos. Acredito que seja esse o mundo em que vivemos.

Poderíamos então viver em um mundo diferente?

Le Breton afirma também que, se o homem não tivesse rosto para lhe identificar, seria tudo igual: a confiança impossível e a ética sem sentido. Um homem mascarado torna-se um homem invisível que não deve satisfação para ninguém (BRETON, 2017).

E diz ainda: “utilizando máscaras, ninguém saberia mais quem é quem, sobretudo com a possibilidade de trocá-las várias vezes ao dia. A noção de indivíduo se dissipa diante da noção de pessoa” (BRETON, 2017, p. 155).

E justamente por a persona ser um aspecto da psique, que constitui o eu e ela ser máscara, creio que realmente não sabemos quem é quem e que os homens são realmente invisíveis.

O meu grande questionamento é o porquê necessitarmos de um artefato que nos faça achar que é aquilo que somos, que faça os outros acharem que é aquilo que somos, ao invés de podermos verdadeiramente ser.

Se esse artefato nos for necessário, qual seria, então, a intensidade e rigidez das máscaras que vestimos, e como a persona se apresenta de maneira mais ou menos flexível em diferentes indivíduos?

Deixo essas questões em aberto. Elas serão indiretamente pinceladas nos relatos de minhas experiências a seguir, e propriamente retomadas no quinto capítulo.

#### 4. A experiência transformadora

Neste momento de nosso percurso, contarei sobre a minha vivência na comunidade para pessoas com deficiência, trazendo retratos de experiências e apresentando aspectos que ajudem a relacionar, por um lado, com o conceito de persona anteriormente exposto, e, por outro, com a experiência das máscaras, que será trazida mais para frente. Sendo assim, este capítulo será dividido em três partes, cada uma descrevendo diferentes dimensões da minha experiência: na casa, no trabalho e no mais.

*“Acho que tão comigo aqui que vejo o momento que os sentimentos se aproximam e chegam e me atingem.*

*Enxergo todo esse processo.*

*E é tanto surpreendente e incrível, quanto assustador.”*

- Trecho retirado do meu diário de viagem.

##### 4.1. Na casa

Logo que cheguei, me direcionaram à casa em que eu moraria, dizendo que seria uma casa de idosos, portanto, silenciosa.

Chegando, recebi algumas boas vindas e uma delas foi de uma das residentes. Ela tinha um sorriso largo no rosto – sincero e forçado ao mesmo tempo –, e o desejo dela era de me tocar. Dei um abraço e logo percebi que não me soltaria dela de maneira tão simples. Justamente, a soltura veio acompanhada de choro, grito e mordidas em si mesma: ela não queria soltar, não queria perder aquela atenção.

Em meu quarto, fui absorvendo a chegada e vivi o primeiro dia, no qual a quantidade de coisas novas era proporcional ao meu medo. Medo da decisão que tinha tomado de ter ido morar lá por um tempo, medo do tamanho da minha responsabilidade contraída com essa decisão.

No meu diário, escrevi: “A deficiência é toda uma outra realidade e ela me socou, me fazendo querer chorar, sentindo mil coisas, tristezas, solidão e medos ao mesmo tempo”.



Fui, aos poucos, conhecendo os residentes da minha casa, e fiquei impressionada com quantas individualidades, quantas complexidades e quanta honestidade no sentir eles apresentavam. E eu: completamente tomada por tudo aquilo, física e emocionalmente. Nas primeiras noites, acordava angustiada de madrugada, me vendo em um lugar novo e desconhecido, em uma nova realidade, completamente só – e ainda por cima tentando me ajustar ao fuso-horário.

No final da primeira semana, em uma conversa com a dona da comunidade, vim a entender melhor aquilo que sentia. A casa em que morava funcionava para mim como um espelho. Escrevi: “Minha casa é composta apenas por pessoas completamente interiorizadas e elas me tocam e eu acredito que de certo modo me encontro nelas”. Acometeu-me daí a identificação com aquelas pessoas, e aquilo fez muito sentido.

A deficiência intelectual dos residentes de minha casa se dava de diversos e singulares modos, fazendo-me pensar o tempo todo no lugar interno que ocupavam, me colocando nele e, ao mesmo tempo, abrigando-me no meu lugar interno. Escrevi: “É doido também pensar em lugares da consciência e que dependendo do lugar que você ocupe você será de certo modo isolado e a dificuldade de se comunicar impede que você seja entendido ou até mesmo ouvido”. – A comunicação verbal era singular para cada um deles, ocorrendo de modos diferentes.

Como estratégia para passar bem os dias, no fim deles relatava algo bom que tivesse ocorrido, e é impressionante o tamanho das alegrias e das coisas significativas que aconteceram na maiorias deles, e que eram proporcionadas pelos residentes.

Com o tempo, eu conseguia perceber particularidades e especificidades no ser de cada um deles: era tudo muito escancarado.

Logo no café da manhã, antes de o sol nascer, uma residente e um residente me esperavam na cozinha – ela com preocupações e reclamações diárias, mas me ajudando nas tarefas e preparos; ele preocupado com o possível atraso para ir trabalhar, no canto do cômodo, olhando o relógio e, ao mesmo tempo, supervisionando o movimentar das coisas. Logo chegava outra, que queria segurar no abraço, mas que fui aprendendo, junto dela, em nossa convivência, em como dar o abraço que durava o tempo que cabia.

Outra residente, eu acordava no quarto e ela sempre na preguiça, não queria levantar, mas eu era doce e tentava dar o bom dia mais carinhoso que podia para que ele perdurasse até o anoitecer. Um residente sempre esperava na mesma cadeira da sala e respondia curtamente ao meu bom dia. Outro acordava já todo arrumado: na cozinha me encontrava e fazia sua pergunta diária, sempre a mesma, e logo que tinha a resposta, virava as costas e retornava ao seu quarto. Havia ainda mais um residente que, de seu quarto, gritava nomes e xingamentos esperando que alguém fosse vê-lo, uma vez que havia acordado e sua mobilidade era reduzida. Enfim, parecia conhecê-los melhor do que outros meus que estavam em casa, longe, no Brasil. Com aqueles tudo era mais direto, mais na cara; já com estes havia muita coisa no meio. Com os residentes, mesmo que nossos desenvolvimentos fossem distintos e isso talvez proporcionasse uma distância maior entre nós, o que ocorria era justamente o contrário: havia pouca distância entre eu e eles – menos do que entre eu e as pessoas que conhecia há tanto tempo de casa.

Uma dinâmica importante para mim, na rotina da casa, era o momento após o jantar – meu momento favorito dos dias. Era quando terminava minhas tarefas, me acolhia no banho e pós-banho, e depois disso ia para a sala de televisão, onde todos se encontravam juntos e separados. Cada um em seu lugar de costume, virados para a TV, mas cada um no seu próprio mundo. Entre folhear livros, assistir ao programa ou simplesmente existir, compartilhávamos um momento comum, no qual para mim a atmosfera era de um cuidado extremo e único. Sobre ele escrevi:

“Eu amo as noites nessa casa.

Na sala ao pé da fogueira me sinto acolhida e cuidada só pelo ambiente. Ambiente de pessoas que cuidam umas das outras da maneira mais sincera que se poderia: não escondendo incômodos, raivas, ciúmes e medos e mesmo assim, singelamente escolhendo a cada dia o ato de cuidar. O cuidar simples, mas que diz muito”.

Sentia cada um no seu mundo, mas em certos momentos rompia o ocupar do mundo externo, do mundo do outro, com uma palavra, uma briga, ou simplesmente a espera de uma das residentes que fazia o chá e servia a todos. Lembro-me da primeira vez em que ela me serviu. Naquele momento, soube que fazia parte daquele coletivo, daquele inconsciente coletivo.

Escrevi, completando a anotação anterior: “E ao desejar boa noite na certeza que na manhã seguinte tudo se repetirá, vou para o meu quarto (...) Não quero nunca mais me perder. Pois me achei mais em mim aqui e é o lugar mais seguro que já estive, surpreendentemente”.

Encerro este tópico com a esperança de ter deixado perceptível como o afeto era intenso, claro, óbvio e constante; direto, sem mediação, sem máscaras. Afeto esse proporcionado pela vivência, mas principalmente pelas pessoas que viviam comigo.

## 4.2 No trabalho

O trabalho era uma realidade para todos dentro da comunidade. Realidade para mim, que trabalhava em troca da moradia e comida, mas também para os residentes e para os funcionários.

Ele funcionava da seguinte maneira: existiam os *workshops*, locais de trabalho, nos quais o chefe organizava as funções de cada um, os voluntários e os residentes. Desse modo, todos em condições de exercer qualquer ajuda se dividiam entre a padaria, os cosméticos, a fazenda, o jardim ou a casa de laticínios.

Parte do que era produzido era direcionado para as casas na forma de autossustentação. Ou seja, os legumes e verduras que eram plantados, os pães que eram assados, e os produtos que eram feitos do leite das vacas da comunidade iam para o consumo dos moradores. Outra parte era direcionada para a cidade, e outra ainda ia para o mercado que tínhamos no início de cada mês – evento muito esperado, uma vez que vendíamos o que era produzido para os visitantes, e também porque muitos dos familiares dos residentes os visitavam.

O que eu quero dizer com “todos em condições de exercer qualquer ajuda” é que todos que tivessem o mínimo de condição trabalhavam. Um dos residentes de minha casa, por exemplo, que tinha uma deficiência degenerativa nos músculos do corpo e realizava cada vez menos movimentos, trabalhava tirando o alecrim de seu ramo e colocando numa bacia, pois era aquilo que conseguia fazer. Além disso, existia a possibilidade de os residentes trabalharem em outras casas da comunidade, ajudando com o almoço ou com a limpeza. E quando o residente era ainda menos autônomo, ele trabalhava dentro de sua própria casa, ajudando no que precisasse. Uma

pessoa que morava comigo varria a área de fora da casa e se sentia útil por isso, pois realmente esse era seu trabalho, o qual contribuía com a manutenção daquele micro universo/ambiente.

Em suma, a todos era dada uma função, uma rotina, e ela variava também em graus de responsabilidade. Aos mais novos e mais independentes era sempre repetido o discurso de que eles eram o futuro da comunidade, e os comparavam aos grandes anciões e anciãs que viviam lá e já muito contribuíram para a construção do coletivo. Em minha casa estavam alguns destes que moravam na comunidade desde sua fundação e ajudaram a construí-la. Parte deles realiza o trabalho que pode – como um senhor que amava seu trabalho de cortar lenha e o fazia de maneira técnica e exemplar há tantos anos. Sempre que voltava para casa no intervalo do almoço e no fim do expediente, falava repetidamente sobre o seu ofício.

Enfim, o trabalho era parte da rotina de todos, e cada um contribuía da maneira que podia.

Já eu, trabalhava no jardim, onde verduras e legumes eram cultivados no terreno. Desde o primeiro dia, aprendi muito com meu chefe, homem negro do Zimbábue, que passou por poucas e boas para chegar aonde estava, mas que, ainda assim, não estava satisfeito com sua vida lá, por conta da exploração que passava, tendo como superiores homens brancos com os quais sentia não poder expressar certas coisas.

Foi com ele que gostaria de relatar uma situação que vivi no trabalho. Um dos meus parceiros de tarefas era um jovem residente, um pouco mais velho que eu, e que era de grande ajuda no jardim. Porém, a ele eram sempre designados os trabalhos mais fáceis e mecânicos. Percebi o motivo disso, que me levou à reflexão, enquanto realizávamos juntos uma tarefa. Devíamos arar a terra abrindo espaço para os grãos e, lentamente, depositar uma quantidade adequada de fertilizante natural no vão aberto. Meu chefe nos explicou a maneira de fazê-lo e começamos juntos, eu e meu colega.

Em pouco tempo fazendo aquilo, meu colega já teve seu trabalho interferido e foi dito que parasse, pois estava errado. Ele colocava uma quantidade demasiada de adubo, não agindo conforme o recomendado. Logo lhe foi dada outra tarefa, mais mecânica, mas antes disso intervi dizendo que devíamos tentar ensinar-lhe novamente, de outra maneira que ele entendesse. Meu chefe me deixou na função e rapidamente chegamos, eu e meu colega, em uma forma que ele conseguisse colocar a quantidade certa de adubo.

Aquilo me fez pensar na tipicidade de nosso mundo e como estamos programados a fazer as coisas de uma maneira só, isto é, da maneira “correta” e produtiva com a qual fomos ensinados – afinal, tempo é dinheiro. Mesmo em uma comunidade para pessoas com deficiência, esse tipo de produção era visado, e os profissionais que trabalhavam com os residentes eram pouco orientados em relação a como fazer as coisas de outro jeito – do jeito atípico, diria.

Essa ordem mudou, entretanto, com a chegada de um residente novo na comunidade. Ele era o mais novo em idade e tinha acabado de sair da casa de sua mãe para morar na lá. Saiu de uma vida acomodada no sentido de muitos cuidados e pouca autonomia, para morar com colegas e aprender a trabalhar. Esse aprendizado foi um grande desafio, inclusive para mim, que muitas vezes perdia a paciência esperando que ele realizasse as tarefas às quais ele simplesmente se negava. Foi necessário o trabalho da assistente social que lá, criando junto conosco um plano para introduzir aquele residente recém-chegado no mundo do trabalho, que para ele era tão novo. Alinhando expectativas de todos, fomos aprendendo um modo meio típico, meio atípico de motivá-lo a fazer suas tarefas, e aos poucos fomos vendo o resultado.

Na minha função, que era tanto na terra quanto em casa realizando cuidados e fazendo comida, fui aprendendo a observar como os residentes trabalhavam e percebendo que muitas vezes a nossa lógica produtiva e típica passava por cima deles, tornando-os, assim, desmotivados e frustrados.

Gostaria de terminar este tópico com o relato de um dos meus últimos dias de obrigação na horta. Acredito que ele demonstre bem tudo que foi em mim movimentado com o trabalho:

“Hoje uma mesa virou no meu pé, com uma balança de ferro bem pesada e seus pesinhos, cascas de cebola e uma caixa de cenouras. Tudo, inclusive a mesa foi ao chão e algo bateu no dedão do meu pé. Na hora tudo foi tanto que corri lá pra fora, sentei e dei risada. Com ela e com a dor no pé vieram as lágrimas. Foi no meio do choro gargalhado que percebi a porta que a dor física abriu, me permitindo sentir uma dor não-física, que vinha escondendo ao longo da semana. As lágrimas escorriam e eu sentia meu coração apertado e toda a minha face se adaptando ao choro e a necessidade dele. A dificuldade da despedida é proporcional à pureza de ser dos envolvidos.

E a sinceridade da troca.”

### 4.3. No mais

Trarei neste tópico final sobre minha experiência, momentos que tive nos intervalos entre estar no trabalho e estar na casa. Momentos que pedem o máximo da espontaneidade na troca.

O primeiro deles que queria relatar eram as quartas-feiras dançantes. Simples assim: colocávamos música em uma caixa de som e todos se reuniam no mesmo ambiente, agindo como bem entendessem. A alegria do encontro era bem característica e proporcionada pelo estar juntos e pelo volume da música. Por um pouco mais de uma hora, ficávamos dançando, dando risada, fazendo passinhos, contando fofocas e vivendo um momento de partilha.

Em uma dessas ocasiões, nós, voluntários, organizamos uma festa, com direito a salgadinho, refrigerante, bolo colorido, balões e código de vestimenta. Talvez o que fique mais marcado em mim era a sinceridade da alegria compartilhada pela maioria, fosse dançando, fosse na dança das cadeiras, ou fosse simplesmente parados, como foi o caso de uma das residentes que vivia na mesma casa que eu. Ela nunca saía e pouco fazia durante o dia. Ficava em uma cadeira de rodas, e tinha um passado traumático de diversas violências antes de chegar na comunidade.

No dia da festa, perguntei se ela queria ir e, para a surpresa de todos, ela aceitou. Fomos então juntas com outra residente, que sempre me acompanhava nas quartas-feiras de dança. Chegando lá, respondeu animada a alguns “ois” de colegas que via pouco e, no decorrer da festa, dançou timidamente algumas vezes, quando algum de nós a puxava para dançar na cadeira de rodas. De modo geral, ela ficou muito feliz com as comidas e bebidas diferentes, com os balões e algumas músicas e encontros, mas na maioria do tempo permaneceu com uma cara séria em um canto. Ao chegarmos em casa e ela estar se preparando para dormir com a ajuda da cuidadora, relatou a esta tudo que tinha vivido na festa, que havia dançado e bebido (misturando em seu discurso fatos do presente e do passado de quando era mais jovem), e que gostaria de ir na semana seguinte.

Além disso, me lembro bem dos inúmeros abraços carinhosos e declarações de amor que recebia nesses encontros das quartas-feiras (e também em dias comuns), de alguns dos residentes. A verdade na fala e no sentimento sempre me traziam uma emoção ao coração.

Outro evento que gostaria de mencionar, e que me marcou muito, eram os rituais que vivíamos na comunidade. Pelo seu caráter antropológico, as épocas e festas do ano fazem parte de um ciclo. Os ciclos são muito respeitados e recebem grande atenção ritualística, a fim de que possam ser lembrados e celebrados. Para muitos dos residentes, aquilo fazia parte da vida que levavam lá.

No primeiro domingo de cada mês, a capela se enchia para a celebração de uma missa. Contava-se com um padre muito querido, que realizava a celebração com reflexões simples, pouco rebuscadas, acerca de algo importante que o momento vivido indicasse. Eu sempre comparecia e me tocava com as palavras e pela celebração, e acredito que os residentes também eram tocados por tudo aquilo. Eles ficavam animados especialmente com o momento da Eucaristia.

Em um dos dias da semana da Páscoa, me emocionei com a cerimônia feita em volta do pequeno cemitério, na qual residentes tocaram um instrumento com um som celestial, no caminho a luz de velas.

Enfim, escrevendo este tópico, me senti repleta de paz, sentimento que acredito que apenas a troca sincera, dispendo o mínimo de máscaras possível, é capaz de proporcionar. Pretendo, daqui para frente, trazer e compartilhar a reflexão sobre toda a dinâmica e experiência relatada.

## **5. Reflexões e cruzamento de mundos**

### **5.1. O mundo atípico**

Neste capítulo, vou articular as minhas vivências na comunidade com as reflexões que tive delas, comparando-as com a experiência de viver em sociedade, fora da comunidade, na minha vida comum. Desejo, assim, agregar o que foi trazido nos tópicos anteriores e gerar no leitor questionamentos, mas acima de tudo afetos.

Em primeiro lugar, como descrevi ao longo do capítulo 4, me perceber vivendo na comunidade que me inseri foi notar a sensação de aos poucos me desmascarar. O que isso quer dizer? Sentia meus sentimentos mais borbulhantes do que anteriormente, surgindo com facilidade, com menos barreiras, de maneira mais espontânea e crua, de modo que eu era tomada por emoções mais “primitivas”, como uma alegria pura ou uma tristeza dilacerante.

É verdade que o fato de a experiência ter sido muito nova para mim e de certa forma extasiante, poderia justificar parte do modo como eu sentia as coisas; entretanto, as emoções expressavam, também, uma extrema vulnerabilidade – aspecto que desde o começo observei nos meus companheiros de casa. Vulnerabilidade essa não no sentido de algo que remete à insegurança, mas a uma abertura ao mundo e ao sentir. Enfim, pude observar e perceber que o mundo dos meus companheiros atípicos se dava, de certa forma, de outro modo quando comparado ao meu ser típico. Aos poucos, conforme os dias passavam, encontrei-me mais próxima da maneira deles de viver.

Notei que a relação entre o mundo interno e o mundo externo dos meus companheiros parecia se dar de maneira mais sincera do que a minha transição entre os dois mundos. Com isso quero dizer que percebia menos barreiras impostas nessa navegação do dia-a-dia que fazemos em ocupar nosso interior e sair dele, lidando com as demandas de fora.

Porém, gostaria de logo relatar uma dificuldade nesse processo: minha percepção se deu desse modo, mas nunca ocupei a mente de uma pessoa com desenvolvimento atípico para confirmar se essas barreiras realmente existem em menor quantidade do que em mim, pessoa com desenvolvimento típico. Entretanto, me baseio aqui na sensação, que a vivência me proporcionou, de que as barreiras que havia neles eram no mínimo diferentes das que havia em mim.



A navegação que meus companheiros faziam entre ambos os mundos era de maneira escancarada. Quando tristes, as lágrimas logo debulhavam dos olhos em conjunto com gemidos; quando sentiam raiva, a expressavam, às vezes, através de mordidas, xingamentos, gritos guturais; na alegria, por fim, surgiam gargalhadas ou sorrisos sinceros que acompanhavam a felicidade em ocasiões específicas.

A essa percepção somou-se o trecho de um livro que muito me tocou e que marcou de maneira certa as minhas reflexões. Nele, o autor, que era o fundador do modelo das comunidades onde então me encontrava, dava uma palestra para as pessoas que viriam a trabalhar nelas e chamava a atenção para as máscaras como manifestações de uma tendência interna da alma de se esconder. Na sequência, explicava que os residentes detêm, para viver, menos máscaras do que nós, que não temos (supostamente) deficiência alguma.

Aquilo explicava um pouco o que vinha sentindo e o que mais viria a sentir ao longo de minha experiência. Progressivamente dei-me conta de que algumas das minhas máscaras não me eram mais necessárias lá.

## **5.2. O mundo típico**

Para seguir na ordem da realização que a leitura trazida acima me trouxe, é necessário que eu me situe como uma pessoa sem deficiências, com um desenvolvimento típico.

Ao voltar para a vida que levava antes de ir morar na comunidade, com o olhar e o coração transformados, me deparei com a tipicidade do mundo em que vivemos. Parece que nele se delineia um modo de ser ideal: creio que tanto influenciado pelo sistema capitalista – no qual a ordem do lucro impera, fazendo com que haja uma maneira de produzir e conseqüentemente de ser –, quanto influenciado pela necessidade de se esconder, como se não nos fosse permitido em muitas situações ser o que se realmente é. Desse modo, a tipicidade desenha um modo de ser, valorizando um ideal de trabalhador e de indivíduo.

Isso me fez pensar que a sociedade típica na qual eu vivia antes de ir para a comunidade esperava certas coisas de mim e, baseada nisso, se dava a minha persona, se adaptando ao ambiente

em que eu me encontrava. A minha persona de pessoa com desenvolvimento típico em um mundo típico ajustava-se conforme as demandas dessa configuração de ser específica.

Entretanto, a minha persona teve que se adaptar à nova realidade em que me encontrava na comunidade – ainda sendo uma pessoa de desenvolvimento típico, mas vivendo em um ambiente atípico, uma vez que a maioria dos residentes que lá viviam se desenvolviam desta maneira.

Defrontei-me, assim, com a maleabilidade de minha própria persona, o que me fez questionar o funcionamento deste “artefato” nos indivíduos. Por exemplo: como a persona dos meus companheiros se dava e se adaptava ao ambiente em que viviam? Como a persona de uma pessoa com desenvolvimento atípico se adapta no mundo típico? Ou ainda: qual a dependência que pessoas com desenvolvimento típico têm da persona?

Mas, sobretudo: será que seria possível vivermos em um mundo sem máscaras?

Partindo desse questionamento maior, indago então se o mundo atípico permite uma maior maleabilidade na nossa relação com o entorno, que de certo modo, e por diversos fatores, foi enrijecida no mundo típico, obrigando-nos a vestir tantas máscaras a ponto de, por vezes, nos esquecermos qual o nosso rosto.

Será que poderíamos – e se sim, como? – viver em um mundo no qual não precisássemos de tantas máscaras para o habitar? Será que seria possível, baseando-nos em uma maneira mais atípica de viver, nos aproximarmos mais de quem somos, não precisando tanto da persona para enrijecer nosso contato com o mundo externo?

### **5.3. Novo mundo**

Tudo o que vivi e senti, como expus acima, me levou ao questionamento de se podemos ser mais nós mesmos do que já somos, justamente por ter sentido uma “versão” mais autêntica e verdadeira de mim própria, influenciada pela vida compartilhada e pelo modo de ser dos meus colegas de desenvolvimento atípico.

Assim, retomo o conceito de persona. Segundo Jung, ela é um aspecto da personalidade que representa a “fachada” do sujeito, sendo influenciada pelo ambiente externo e por suas

demandas. Necessário evocar, também, o conceito de alma, o qual, ainda segundo o autor, se refere a outro aspecto da personalidade, desta vez direcionado ao mundo interno e ao que este precisa.

Além disso, chamo a atenção para o que Jung diz sobre o sujeito que se adapta excessivamente ao ambiente externo e se identifica muito com sua persona: ele pode acabar tendo dificuldade de entrar em contato com sua própria singularidade, por estar demais em resposta ao mundo, vestindo-se de uma máscara (JUNG, 1921/2011).

Isso tudo me faz pensar em como, talvez, as pessoas com desenvolvimento atípico com quem convivi se restrinjam menos à persona e, por conseguinte, consigam estabelecer uma relação mais direta com o mundo externo, não sendo retidas por tantas barreiras na transição entre os mundos interno e externo.

Penso que outra forma de interpretar a dinâmica dos sujeitos atípicos consiste em considerar que eles tenham uma relação mais íntima com a alma: neste caso, o seu eu seria menos influenciado pelo ambiente externo e, conseqüentemente, responderia menos ao mundo e mais a si mesmos, aproximando-se de sua individualidade.

Seja como for, gostaria de explorar aqui duas características que se relacionam à persona para pensar o sujeito atípico: a mediação e a adaptação. No que diz respeito à primeira delas, a persona promove a mediação entre sujeito e mundo externo; porém, nos indivíduos com desenvolvimento atípico, esse “artefato” parece se impor de forma menos intensa do que em pessoas com desenvolvimento típico. Ao lado disso, talvez uma relação mais íntima com a alma permita essa menor influência da persona.

A segunda característica, conforme dito, se refere à adaptação da persona, a qual se forma e se influencia pelo meio ambiente. Ao descrever a pessoa que chama de *coletiva*, Jung aborda esse aspecto:

Por sua identificação mais ou menos plena com a atitude do momento, engana no mínimo os outros, muitas vezes também a si mesma, sobre seu verdadeiro caráter; veste uma máscara que sabe corresponder, por um lado, as suas intenções e, por outro, às exigências e opiniões do meio ambiente, prevalecendo ora um ora outro momento. Esta máscara, ou seja, a atitude assumida ad hoc (por agora) eu a denomino *persona* (JUNG, 1921/2011, p. 426)

Reparei nessa característica quando estava na comunidade (tendo, portanto, mudado de ambiente), ao me sentir menos relacionada com a minha persona: por exemplo, conforme relato no capítulo anterior, os sentimentos eram mais borbulhantes e primitivos que de costume. Notei igualmente que a experiência de meus companheiros seguia na mesma direção.

Em sua obra *O eu e o inconsciente*, Jung afirma que “é importante para a meta da individuação, isto é, da realização do si mesmo, que o indivíduo aprenda a distinguir entre o que parece ser para si mesmo e o que é para os outros” (2008, p. 82). O autor evidencia, nesta passagem, o quão essencial é o indivíduo não se identificar demais com sua persona. E isso é algo que atribuo à maneira de ser dos meus colegas com desenvolvimento atípico, pelo fato de observar neles que aquilo que era externalizado (por meio de menos barreiras), era realmente aquilo que eles eram, como se, retomando o exposto logo acima, eles detivessem essa importante meta da individuação, uma vez que o que parecem ser para si é também o que parecem ser para os outros.

Questiono-me, então, se nós poderíamos nos pautar mais em um funcionamento desse tipo, quer dizer, de menor relação com a persona, uma vez que a tipicidade impõe essa maior dependência, exigindo que estejamos a todo momento bem adaptados ao mundo externo.

Não quero dizer, com isso, que a persona seja desnecessária; minha intenção é, em contraste, questionar o quanto necessitamos dela. Como argumentei mais acima<sup>2</sup>, um aspecto positivo da persona consiste em ela nos servir como uma organização na qual assumimos uma identidade coerente perante o outro. Acrescento, ainda, outro ponto: o de mediar nosso acesso ao mundo externo. Porém, seu aspecto negativo também deve ser levado em consideração: a persona pode ser usada para sermos, unilateralmente, algo dirigido ao mundo externo, alienando-nos daquilo que realmente somos.

Acredito que a grande questão suscitada pela minha experiência seja, enfim, esta: se vivi em uma realidade com pessoas que pareciam depender menos de suas personas e, talvez, estando mais identificadas com seu si-mesmo – sendo, portanto, mais elas mesmas –, será que poderíamos, como sociedade, viver mais assim? Quer dizer, necessitando menos das máscaras para viver? E, para além disso: se a persona é maleável, se adaptando conforme os lugares que ocupamos, como

---

<sup>2</sup> Capítulo 3, item 4: “Aspectos positivos e negativos”.

podemos, em um mesmo espaço, adaptar a nossa realidade para que necessitemos menos dela, e não o contrário?

Acrescento ainda, a essas indagações, a potencialidade do que se constrói na relação. Ora, os lugares que ocupamos exigem de nós máscaras por conta das relações que estabelecemos com os outros. Dificilmente seria necessário que utilizássemos tanto do recurso da persona se estivéssemos sozinhos, já que ela pretende mediar nossas relações com os outros (isto é, para além de nós com nós mesmos).

Entretanto, foi justamente no local em que estive, e principalmente nas relações que construí com meus companheiros de desenvolvimento atípico, que interroguei a minha persona. Foram essas relações que, primordialmente, me levaram ao questionamento e à reflexão. Em outras palavras, a persona se constrói na relação, mas pode também ser desconstruída na relação, como aconteceu comigo. Como podemos, dessa maneira, a partir da relação com outros típicos ou atípicos, desconstruir ou, pelo menos, abrandar a rigidez de nossa persona? Quão potente é a ideia de que, ao retirarmos nossas máscaras, podemos levar o outro a ensaiar retirar as suas também! Confesso que me anima a ideia de um mundo mais “si-mesmo”.

## 6. Considerações finais

Neste capítulo final, gostaria de relembrar os questionamentos, reflexões e descrições trazidos até aqui, além de outros que surgiram, mas que não puderam ser desenvolvidos no trabalho.

Recapitulando a leitura, chamo a atenção para a magnitude da experiência que tive e que proporcionou que eu reparasse em uma maneira diferente de enxergar como vivemos. Estar em contato com pessoas que se desenvolvem de outra forma gerou essa nova perspectiva, por meio dos mais diversos afetos construídos nas relações que se deram na comunidade.

A parte crucial para a existência desse trabalho foi ter sido afetada por um modo novo de estar no mundo, no qual eu não precisava tanto das máscaras que vestia anteriormente, e perceber que meus companheiros também pareciam não necessitar tanto delas. Essa existência, gostaria de sublinhar, nunca me pareceu fácil, mas foi, sem dúvida, libertadora.

E o afeto se transformou em movimento ao conseguir encontrar em Jung uma maneira de explorar mais a experiência que tive, principalmente ao evocar o conceito de persona, o qual, relembrando, se refere a uma mediação entre os mundos interno e externo, na maneira com que nos colocamos para nós e para os outros.

A partir daí diversos questionamentos foram colocados para o leitor, como: será que seria possível vivermos em um mundo sem máscaras, ou, pelo menos, com menos máscaras? Baseando-nos em uma maneira mais atípica de viver, poderíamos nos aproximar mais de quem somos, não precisando tanto da persona para enrijecer nosso contato com o mundo externo?

Além disso, se a persona é maleável se adaptando conforme os lugares que ocupamos, como podemos, em um mesmo ambiente, adaptar a nossa realidade para que necessitemos menos dela? E, acima de tudo, como ao nos desmascarar podemos proporcionar que o outro se questione suas próprias máscaras, tendo na relação com o outro a ferramenta para que sejamos mais nós mesmos?

Outros questionamentos também surgiram ao longo do trabalho, mas não tive a possibilidade de explorá-los. Um deles foi a hipótese, trazida no capítulo anterior, sobre a relação mais íntima com a alma permitir uma menor influência da persona.

Ademais, emergiu a questão de o sistema capitalista em que vivemos influenciar diretamente a nossa relação demasiada com a persona, visto que o modo de produção define ideais de quem devemos ser e como devemos agir, priorizando assim um tipo específico de funcionamento. Funcionamento tal que prioriza, inclusive, a maneira de ser típica, não abrindo espaço para que o atípico possa se desenvolver na sociedade, uma vez que ele foge do padrão requerido e, assim, potencial gerador de prejuízos – algo extremamente abominável para o capitalismo.

As pessoas com deficiência ficam assim marginalizadas em nossa sociedade, de modo que haja poucas oportunidades de compartilharmos espaços com elas e assim ser afetados pela troca da relação. A possibilidade que tive de morar em um ambiente no qual a maioria das pessoas possuíam desenvolvimento atípico me proporcionou uma vivência revolucionária e completamente nova, como relato no capítulo quatro, me permitindo acessar novos lugares internos e externos, e que me trouxeram a todas essas inquietações aqui postas.

Parece-me de grande potencial esse cenário de tornar o nosso mundo mais atípico, se entendermos, por isso, um mundo com sujeitos menos dominados pela persona e mais identificados com seus si-mesmos, usando menos barreiras nas relações com os outros e, para isso, utilizando-se da relação com o entorno, mas principalmente com seus pares. Atentando-se também ao seu mundo interno e, a partir disso, maleabilizando o uso da persona e se desmascarando.

Esses foram alguns dos meus questionamentos e reflexões que puderam ser traduzidos em palavras, sendo que existem tantos outros que ainda moram internamente e não encontraram uma maneira de ocupar o mundo externo. Talvez a eles falem personas!

## Referências bibliográficas

ALLAIN-DUPRE, B. De l'autre côté du miroir, la face cachée du complexe. *Imaginaire et inconscient*, n. 14, v. 2, 103-122, 2004.

LE BRETON, D. Antropologia da face: alguns fragmentos. *Revista de Ciências Sociais*, n. 47, pp. 153-169, 2017.

CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed. 2007.

DANI, S. A máscara, seu sentido e seu uso no treinamento do ator. In: *Revista do Instituto de Artes da UFRGS*, a. 1, n. 01, 1990.

FADIMAN, J. & FRAGER, R. Carl Jung e a Psicologia Analítica. In: \_\_\_\_\_. *Teorias da personalidade*. São Paulo: Ed. Habra, 1979.

FAVRET-SAADA, J. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, n. 13, p. 155-161, 2005.

FREITAS, Laura Villares de. Grupos vivenciais sob uma perspectiva junguiana. *Psicol. USP*, v. 16, n. 3, pp. 45-69, 2005.

GÓIS, M. V. A máscara na commedia dell'arte. *Repertório*, Salvador, n. 19, pp. 81-90, 2012.

JUNG, C. G. (1921). *Tipos psicológicos*. Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. (1928). *O eu e o inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. (1939). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. (1961). *Memórias, sonhos, reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

Mascarar-Mask. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.qwe.wiki/wiki/Mask>. Acesso em: 4 jun 2020.

WILSHER, T. *The Mask Handbook: A practical guide*. New York: Routledge, 2006.

NETO, O. C. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.